

# EDUCAÇÃO e ————— TECNOLOGIA



Revista do Instituto Politécnico da Guarda

**"EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA"**  
Revista do Instituto Politécnico da Guarda

Director: João Bento Raimundo

Redacção: Rua Comandante Salvador do Nascimento  
Telef. 21634 6300 GUARDA

Propriedade: Instituto Politécnico da Guarda

Execução Gráfica: Secção de Reprografia do IPG

Depósito Legal Nº 17.891/87

Reprodução total ou parcial proibida

**Nº VI / Fevereiro de 1990**

## **Scientia lucet omnibus**

Com a presente edição, "*Educação e Tecnologia*" entrou no terceiro ano de existência e, simultaneamente, na década de noventa.

Publicação que tem acompanhado e reflectido o crescimento, progressivo, do Instituto Politécnico da Guarda, esta Revista é já hoje a certeza de um desafio ganho em termos editoriais, científicos, pedagógicos e culturais.

Integrada numa das várias vertentes da acção do Instituto Politécnico, "*Educação e Tecnologia*" tem-se afirmado como pólo aglutinador de múltiplas participações e colaborações, algumas oriundas de estabelecimentos de ensino superior inseridos no quadro da cooperação interuniversitária europeia.

Entendemos que este projecto é bem o símbolo da abertura às realidades hodiernas e "forum" de um diálogo multifacetado sob a trave mestra deste Instituto: "*Scientia lucet omnibus*".

Aliás, as modificações resultantes de toda uma dinâmica ao nível económico e social, que se vêm registando no distrito, têm merecido uma particular atenção ao Instituto Politécnico da Guarda.

Como exemplo podemos referir a proposta, já apresentada oficialmente, de novos cursos — de que a região carece — para o próximo ano lectivo, cursos que se vêm juntar ao leque dos já existentes. Por outro lado, há todo um trabalho de organização e implementação de projectos subjacentes às duas Escolas Superiores que integram o I.P.G..

Factor de desenvolvimento regional, o Instituto Politécnico da Guarda tem nesta publicação um alicerce seguro de um vasto trabalho de informação, divulgação e reflexão.

**João Bento Raimundo**

Presidente da C. I. do  
Instituto Politécnico da Guarda

# UM ESTUDO SOBRE "PROMETEU AGRILHOADO"

---

Helder Sequeira \*

---

## ÊSQUILO, UM AUTOR ATENIENSE

Autor de "Prometeu Agrilhoado", Êsquilo era ateniense, do demo de Eleusis (demo a nordeste de Atenas), filho de Eufórlion, irmão de Cinegiro, de origem eupátrida. De acordo com alguns estudos, presume-se que o seu nascimento tenha ocorrido em 525 a.C..

A sua primeira peça parece ter sido apresentada no ano de 500 a.C., quando contava, portanto, 25 anos. Autores há que admitem ter sido Êsquilo um "iniciado" dos célebres mistérios de Eleusis, baseando-se nas "Rãs" de Aristófanes. Entretanto, torna-se mais segura e fundamentada a afirmação que expressa ter Êsquilo combatido em Maratona, com um certo valor e dignidade guerreira. *"A sua famosa coragem poderia contá-la o bosque de Maratona e o Medo de longa cabeleira que bem a experimentou."*

Mais tarde abandonou Atenas, por motivos pouco conhecidos. Segundo alguns investigadores, foi pressionado pelas gentes atenienses, contribuindo, igualmente, a vitória de Sófocles para o seu afastamento. Outros apresentam como causa o insucesso de Êsquilo perante a elegia aos mortos de Maratona, apresentada por Simônides. Em 470 a.C., vai para a Sicília, convivendo aí com Hierão, tirano que fundou Etna, tendo desfrutado de uma existência sem sobressaltos, eivada de provas de deferência por parte de Hierão e dos habitantes da cidade.

Três anos decorridos após a saída de Atenas, a morte celfa Êsquilo, de uma maneira estranha e ignota como tantos factos da sua existência. Orientando-nos por algumas fontes (explicação bastante curiosa) Êsquilo morreu quando uma águia que sulcava

---

\* Coordenador Editorial da Revista "Educação e Tecnologia"

os ares largou uma tartaruga, sua prisioneira, contra o solo, para, desse modo, lhe quebrar a carapaça. Ésquilo, provavelmente pouco preocupado com a movimentação desenrolada por cima de si, não se apercebeu e a sua cabeça suportou o fatal impacto.

Os gelenses prestaram-lhe magníficas honras fúnebres. Na sua sepultura, um epitáfio dizia: "*A Ésquilo, filho de Eufóron, ateniense, este túmulo de Gela, fértil em trigo, guarda morto. Seu célebre valor, o bosque sagrado de Maratona poderia contá-lo.*"

Deixou setenta e três obras, segundo refere um catálogo antigo. Contudo, outras fontes permitem concluir ter sido o autor de noventa. Da sua pena sobreviveram, entretanto: "Os Persas", "Os Sete contra Tebas", "As Suplicantes", "Prometeu Agrilhado" e a Trilogia "Orestea" (Agaménon, Coéforas e Euménides).

## ADAPTAÇÃO E INOVAÇÃO

Um tom original, uma forma de observação característica, uma transmissão distinta não podem ser negados ao contactarmos a obra de Ésquilo. Soube criar e utilizar elementos anteriormente existentes para uma nova edificação temperada por um ardente espírito de tragediógrafo.

Perspicaz, soube captar os problemas inerentes ao quotidiano da Ática, transmitir o pensamento grego na sua forma tão original; "(...) *à vrai dire (...) la personnalité d' Eschyle est si fort et si homogène, qu'on le retrouve tout entier dans chaque partie de son oeuvre*" (1).

Refere, na sua obra, problemas que irão constituir colorido idêntico em trabalhos produzidos por diferentes tragediógrafos.

As relações entre o mundo humano e o mundo divino, as relações dos homens com os deuses e dos homens com os homens (2), fulguram perante os atentos espectadores gregos sentados em redor da orquestra (3). Também a piedade, a "*hybris*" e a justiça ("*Eschyle comprend que l'essence du drame doit être cette idée de justice, qui s'est incorporée à la définition même de l'homme. Tout acte humain pose une question de droit. La tragédie traitera donc, des questions de droit*" (4)) merecem uma acentuada análise e reflexão.

O pensamento grego, como escreveu H. Kitto, ocupa-se (5), ou melhor, ocupava-se, caracteristicamente com problemas morais, religiosos e sociais. Deste modo, torna-se mais clara a chamada de atenção efectuada pelos dramaturgos gregos, gerada na

---

(1) J. Romilly - *La Tragédie Grecque*, P.U.F. - Paris - 1973, p. 54.

(2) M. H. Rocha Pereira - *Estudos de História de Cultura Clássica* - F.C.G., 4ª ed., p. 335.

(3) Como refere A. Pickard-Cambridge, o palco elevado surge apenas na época helenística.

(4) P. Mazon - *Eschyle-Col. Livre de Poche* - 1962, p. 11.

(5) *Os Gregos* - Col. Studium, p. 295.

apresentação e criação das suas peças.

A introdução do *deuteragonista* na tragédia, representa, como tudo leva a crer, uma dívida para com Ésquilo, embora tenha, posteriormente, aproveitado uma importante inovação de Sófocles, ou seja o *tritagonista* (o terceiro actor). Assim, diversos problemas cénicos eram resolvidos, formulando-se uma nova dimensão do enredo perspectivado para uma nova força de acção. Se pensarmos na existência — na época antecedente — de um só actor, somos levados a compreender a importância do citado contributo, numa altura propícia e estimulante ao aperfeiçoamento do género trágico.

Devemos, por outro lado, ter em conta a problemática relacionada com a técnica de encenação relevada pela produção, a qual acentuaremos mais adiante.

## A TRAGÉDIA DE PROMETEU

*"Deste aos mortais honras que transcendem o que é justo"* (6). Somos colocados com esta afirmação perante um sentido de culpa atribuído a Prometeu, o qual nos aparece inicialmente a ser agrilhoadado a um rochedo situado nos *"confins do mundo"* onde reina a *"desolação desértica"* (7): Cáucaso. Hefesto, o deus do fogo, executa penosamente a tarefa de que fora incumbido: *"eu não tenho coragem de prender pela força um deus meu parente (...)* *Necessário é, porém, que eu tenha ânimo para o fazer"* (8). Acrescenta depois que *"é grave desprezar as ordens de um pai"*, (9) ideia reacendida continuamente por *Poder e Força*. *"Porque hesitas?"*, (10) interroga *Poder*.

Depois de a imperiosa ordem de Zeus ter sido cumprida, Prometeu fica só, agrilhoadado ao *"rochedo do fim do mundo"* (11) por *"ter amado em demasia os homens"* (12).

Neste quadro frio e trágico, legado por Ésquilo à posteridade, encontramos, seguidamente, as Oceânides trazidas por ventos *"velozes"* (13) para consolarem o Deus *"maltratado"* por duros grilhões.

A descrição do infortúnio, através da palavra do Titã, não se faz esperar.

Destronado o senil Crono, Zeus ascende ao lugar máximo do Olimpo, auxiliado e conduzido pelo conselho do Deus Providente que se vai opor aos planos de Zeus; este pretendia *"pela destruição*

---

(6) Ésquilo - Prometeu Agrilhoadado - Col. O Grande Teatro do Mundo, Atlântida, Coimbra, 1974.

(7) ob. cit. p. 30.

(8) p. 30.

(9) p. 30.

(10) p. 31.

(11) ob. cit. p. 33

(12) ob. cit. p. 33

(13) ob. cit. p. 34

*de toda a raça, gerar uma nova*" (14). Ninguém *"se lhe opunha a não ser eu - diz o filho de Témis - Eu é que tive essa ousadia. Livret os mortais de irem para o Hades, despedaçados"* (15).

Mas Prometeu tinha ido mais longe, tinha oferecido aos mortais *"cegas esperanças"* e o *"fogo ardente"* (16). Como refere, cometeu esse acto *"por querer"* (17). Reconhece, de certo modo, a culpa e o justo castigo quando diz: *"Por certo eu não pensava que extenuado por tais sofrimentos, me caberia em sorte este pico ermo e solitário"* (18).

Oceano, divindade marítima e o mais velho dos Titãs, surge com a oferta de ajuda, allás pouco sincera e convincente, para com aquele seu semelhante. *"Também tu vens contemplar as minhas penas"* (19). Oceano não se empenha arduosamente no auxílio a Prometeu, seu cúmplice e antigo companheiro. *"Mandas-me que faça o que já tencionava fazer, que esta ave quadrúpede já roça as asas no caminho liso do éter, e muito contente dobrará o joelho no seu estábulo"* (20).

O Coro permanece e lamenta a sorte de Prometeu que se refere ainda à sua acção em proveito dos humanos. *"Numa só frase, aprende tudo em suma: todas as artes para os mortais vêm de Prometeu"* (21). Este guarda, confiante, a chave do conhecimento do destino de Zeus. *"Se comigo a conservar, libertar-me-ei destes grilhões indignos e destas desgraças"* (22).

Io, filha de Inaco, vítima do amor do Deus Supremo, abre o terceiro episódio onde se desenvolve o diálogo com o Titã e fica a conhecer futuros sacrifícios e outrossim a sua descendência. *"Ela dará à luz um filho mais forte do que o pai"* (23).

Prometeu continua a dominar majestosamente a cena. *"Por quem será derrubado do poder?"* (24)", interroga mais à frente o servil e imponente Hermes.

*"Nada saberás do que perguntas"* (25), afirma Prometeu, firme e decidido na sua posição, pronto a enfrentar todas as futuras vicissitudes lançadas pela fúria de Zeus.

No cenário final permanecem Prometeu e as Oceânides. *"Quero sofrer com ele o que for necessário que ele sofra. Aprendi a odiar os traidores: não há doença que eu mais despreze"* (26).

---

(14) ob. cit. p. 38

(15) ob. cit. p. 38

(16) ob. cit. p. 38

(17) ob. cit. p. 38

(18) p. 39

(19) p. 40

(20) p. 43

(21) p. 47

(22) p. 48

(23) p. 57

(24) p. 63

(25) p. 64

(26) p. 67

Zeus desencadeia a sua cólera. Prometeu conclui: "Oh venerável Mãe, ó Eter que a todos dás luz, vedes que injustiças eu sofro?" (27).

## O PROBLEMA DA TRILOGIA

Diversos problemas se colocam a respeito da peça de Ésquilo, que temos vindo a comentar. Por exemplo, ignora-se a data da representação. Alguns estudos elucidam-nos sobre a representação de um *Prometeu* no ano de 472 a.C., tudo levando a crer ter pertencido essa obra à tetralogia onde se situava "Os Persas".

No campo das hipóteses, parece mais fundamentada a ideia de o *Prometeu Agrilhado* ter sido levado à cena depois de 479 a.C.. Autores como Mette (28) localizam a representação "da trilogia dos *Prometeus*" em 469 a.C..

"*Prometeu Agrilhado*" apresenta-nos, entretanto, outras dúvidas, nem sempre observadas pelo prisma do rigor e da verdade. "Todos os juízos sobre este drama são necessariamente provisórios e unilaterais, por sermos forçados a considerá-lo isolado da tetralogia a que pertencia" (29).

A existência de um *Prometeu Portador de Fogo*, de um *Prometeu Agrilhado* e de um *Prometeu Libertado*, tem sido defendida através de estudos efectuados à volta da obra de Ésquilo. A ordem acima apresentada, expressa um sentido lógico aproximado do senso comum. Prometeu arrebatava o fogo, sofria o castigo desse acto, sendo posteriormente perdoado pelo soberano do Olimpo. No entanto, uma observação mais acentuada e o contributo dos "comentadores antigos", imprimem à trilogia uma ordem diferente da anterior: em primeiro estaria o *Prometeu Agrilhado*, seguido do *Prometeu Libertado* que antecedia o *Prometeu Portador de Fogo*.

Se tivermos em conta a alusão de Ésquilo à instituição do culto de Prometeu em Atenas e, por outro lado, o modo como os acontecimentos, no *Prometeu Agrilhado*, nos são apresentados (minuciosamente), não será difícil o caminho para esta hipótese: *Prometeu Agrilhado*, *Prometeu Libertado*.

O Professor Dodd considerou que Ésquilo escreveu uma *dilogia* e não uma *trilogia*. Desse ponto de vista a *dilogia* compreenderia o *Prometeu Agrilhado* e o *Prometeu Libertado*. Opinião apontada, sem dúvida, a uma formulação mais clara do problema da evolução registada em Ésquilo. Devemos, de qualquer modo, ter presente a *fuga à regra* gerada pela *dilogia*. É mais admissível, embora os recursos documentais falhem, a

(27) ob. cit. p. 68

(28) Ana Paula Quintela, in *Ésquilo - Prometeu Agrilhado - Atlântida*, 1975 - 2ª ed.

(29) Maria Helena Rocha Pereira - *Estudos de História de Cultura Clássica - F.C.G. 4ª ed.* p. 343.



criação de uma trilogia numa altura em que ela constituía o ponto alto das produções do género. Aliás, inúmeros estudiosos se inclinam para a existência de uma trilogia. Se alguns fragmentos apresentam incompatibilidades com tudo aquilo que foi já temperado pela crítica histórica, e relevado como produção de Ésquilo, não será de pôr de parte a ideia de alterações e reposições movidas por pena alheia. Nessa linha de pensamento haveria um obstáculo à interligação de fragmentos e de produções elaboradas pelo mesmo espírito, pela mesma personalidade que nos dizeres de J. de Romilly "*est si fort et si homogène, qu'on le retrouve tout entier dans chaque partie de son oeuvre. D' emblée une pièce d' Eschyle, se reconnaissent à leur force et à leur majesté*" (30).

## PROMETEU E O MITO

O mito tem sido objecto de análise e perspectivação por parte de todos os que, no seu campo cultural, sentem um mínimo de curiosidade pela "*mensagem*" de Prometeu.

Agrilhado, ele foge no tempo, derrubando espaços e confrontando o pensamento antigo com o sentir e pensar de épocas diversas; vem até nós com a nitescência da Grécia Antiga, com a sua carga civilizacional.

O mito permanece um traço inolvidável ao longo da obra. Recordemos a propósito L. Séchan quando escreve que "*Le nom de Prométhée et sa légende sont-ils de source proprement hellénique ou doit on les faire remonter (...) jusq'un lointain berceau de l' Inde?*" (31).

Algo parece, na realidade, ter raízes gregas, embora as origens possam fazer parte de um património "*da raça ariana*" (32). Entretanto, podemos dizer ter sido o impulso e o pensamento grego o condutor mais seguro do mito e da sua problemática.

Arquivos hititas (povo que desenvolveu um original sentido histórico), textos babilónicos e uma denominada *História Fenícia*, possibilitam a partida, para explicações sobre a origem do mito em causa, em direcção às fontes de Hesíodo.

L. West considera a versão babilónica mais idosa e próxima da grega, sugerindo um contacto na época minoica e suportada pela arte dos rapsodos. "*Na versão de Hesíodo, há ainda um facto muito importante a acentuar, que foi apontado por Lesky: é que não se trata apenas de uma sucessão violenta de vários soberanos dos céus; há um caminho ascensional para a ordem estabelecida por Zeus, que é o triunfo da justiça*". Escreveu a Prof.<sup>a</sup> Maria Helena Rocha Pereira.

---

(30) *La Tragédie Grecque* - P.U.F. - Paris - 1973, p. 54.

(31) *Le Mythe de Prométhée* - P.U.T. - Paris, 1951, p. 10.

(31a) M. H. Rocha Pereira - ob. ref., p. 131.

(32) *Le Mythe de Prométhée* - p. 12.

Êsquilo soube exercer uma preferência de traços na obra de Hesíodo. Este apresentava *Prometeu* como sendo filho de *Climene* enquanto Êsquilo o reconduzia à filiação de *Témis* (personificação da justiça). Havia, para os gregos, três gerações divinas, na última das quais se situava Zeus, sendo as primeiras derrubadas por desgastantes convulsões.

K. Kerényé criou uma arrojada explicação que contudo parece não contrabalançar a ligação entre Prometeu e Hermes, contrária ao binómio *Prometeu - Hera*.

A existência de dois distintos aspectos no carácter de Prometeu leva, em certos casos, à insegurança das conclusões. Como refere Louis Séchan <sup>(33)</sup>, esses dois aspectos levaram já à suposição de ter havido, originariamente, duas figuras de Prometeu; a iónico-ática e, proveniente da Beócia, uma outra figura.

Isto permitiria a observação de particularidades no culto e no mito de Prometeu, por Êsquilo.

Com Zeus estabeleceu-se a harmonia, ainda que os seus primeiros tempos fossem caracterizados de arbitrariedade. Será, aliás, esta evolução um tema para Êsquilo. Evolução onde a figura de Prometeu irá desempenhar um papel extremamente importante, motivo pelo qual ele assumiu uma imponente grandeza. *"On attribuera même parfois la création de l'homme, apparaît au V<sup>e</sup> siècle comme le bienfaiteur de l'humanité qu'il aime, en contraste avec une divinité hostile et jalouse qu'il affrontera dans une lutte douloureuse"* <sup>(34)</sup>. Refere Louis Séchan na sua obra sobre o "Mito de Prometeu".

O mito apresenta divergências, e alterações, de Hesíodo a Êsquilo. O primeiro, na sua obra "Teogonia", conta as origens do Mundo e dos Deuses.

*Primeiro que tudo houve o Caos e depois  
a Terra de peito ingente, suporte inabalável de tudo quanto existe  
e Eros, o mais belo entre os Deuses imortais,  
(...) do Caos nasceram o Érebo e negra Noite,  
e da noite, por sua vez, o Eter e o Dia,  
a Terra gerou primeiro o céu constelado,  
(...) Gerou ainda as altas Montanhas, morada aprazível  
das Deusas Ninfas, que habitam os montes cercados de vales.*

Esses seres vão tomando forma, individualizando-se, e formam gerações. A primeira é dirigida por Uranos, que sucumbe, sucedendo-lhe Cronos e depois Zeus. *"Plongeant dans l'âge légendaire des théogonies, du théomachies, Eschyles semble donc suggère que même chez les dieux, la justice est le fruit du temps. Et son accusation comporte, dans ses termes mêmes, les prémisses d'une réponse"*.

---

[33] ob. cit. p. 13.

[34] L. Séchan - O mito de Prometeu, PUF, p. 14.

Hesíodo modifica a tradição fazendo preceder a Teogonia pela Cosmogonia, tendo igualmente dedicado à exposição da verdade o seu trabalho. Surge o mito de *Pandora* e o mito das *Cinco Idades*.

É na obra de Hesíodo que Êsquilo entronca grande parte dos seus conhecimentos, embora vá alterar, como dissemos, determinadas passagens.

Refere Hesíodo que Prometeu enganou o soberano do Olimpo quando um dia lhe destinou num sacrifício a parte inferior, guardando para o mundo humano a melhor parte. Zeus lança o seu castigo, privando os homens do fogo que Prometeu acaba por arrebatat, através de um seu estratagema. A cólera de Zeus aumenta e ordena o agrilhoamento do "*Deus Providente*". E como se esse suplício não fosse suficiente, condenou-o ainda a suportar o malefício de uma águia devoradora do seu fígado, sendo este renovado continuamente. Hércules será o libertador do Deus Agrilhado. Entretanto, e segundo Hesíodo, os homens recebem a primeira mulher - *Pandora* - como castigo.

Êsquilo apresenta o "*Deus Providente*" não como filho de *Climene* mas de *Gaia*, a qual é por ele (Êsquilo) identificada como *Témis*.

O autor de "*Prometeu Agrilhado*" esquece o episódio do ludíbrio feito a Zeus aquando do sacrifício e atribui a Prometeu a tarefa de dar aos homens o fogo. Acrescenta ainda, como dádiva, a esperança.

Finalmente, observamos que a libertação de Prometeu não pertenceu só a *Hércules* mas também a *Quíron*. Através do mito, Êsquilo procura expressar que mesmo os deuses devem ser ponderados não esquecendo, por outra via, o respeito face àquilo que é justo.

Os conceitos de *moira* e *hybris*, estão patentes ao longo da obra de Êsquilo (*Prometeu Agrilhado*). É no entanto curiosa a sobreposição da *Moira* a Zeus. O destino paira sobre o "*monarca jovem*", sendo, mais tarde, alterada a situação "*não sou eu o culpado, mas Zeus e o destino e a Erinia que caminha na sombra*"<sup>(35)</sup>. A *Moira* foi, no pensamento grego, uma subordinação do humano à dureza da realidade ou acontecimento. "*Sem dúvida que ele não poderia fugir ao que está marcado pelo destino*"<sup>(36)</sup>. A *hybris* está testemunhada pelo esquecimento do que é justo, através da acção de Prometeu. Ao oferecer o fogo aos mortais "*foi além daquilo que era Justo, pois roubou um privilégio que, na repartição das honras dos deuses, tinha sido atribuído a Hefesto*"<sup>(37)</sup>.

Nos Persas, esse conceito vem originalmente inscrito: "A

---

(35) Ref. in *Hélade - Antologia de Cultura Grega* - M. H. Rocha Pereira.

(36) *Prometeu Agrilhado* - p. 48.

(37) In *Introdução a Êsquilo - Prometeu Agrilhado*. Ed. Atlântida, Coimbra.

insolência, quando floresce, produz a espiga da desgraça cuja ceifa é toda feita de lágrimas" (38). No caso que nos interessa as lágrimas rolaram junto ao terrífico rochedo do Cáucaso, das faces do Titã.

"Numa só frase, aprende tudo, em suma: todas as artes para os mortais vêm de Prometeu" (39). Ele aparece, na realidade, como o benfeitor da humanidade, que é coberto de grilhões. Isto tem levado poetas e escritores a verem nele um símbolo de humanidade e cultura humana; um símbolo da luta contra a opressão e a tirania ("Mas estou a ver o mensageiro de Zeus, o servidor do novo tirano"), símbolo de ideal nobre.

Os Padres da Igreja, chegaram a estabelecer um paralelo entre o martírio de Prometeu e a Paixão de Cristo, vindo no bico da águia a lança que feriu Jesus Cristo, e nas Oceânides as Santas Mulheres que ficando junto de Cristo lembravam as Oceânides na sua permanência com Prometeu. "A Terra associou-se com a sua brusquidão e violência aquando da morte de Jesus Cristo. Em Prometeu Agrilhado lemos: isto não são já só palavras: a terra treme; muge perto o ribombar profundo do trovão" (40).

As diversas épocas apresentam problemas específicos. É pois natural que a visão vá mudando de perspectiva consoante os períodos e os homens. "(...) Aux yeux de tous les modernes, Prométhée est le type du révolté, d' autant plus émouvant que son martyre est éternel et qu' il a pour cadre un désert; nulle pitié humaine n' arrive jusqu' à lui; il n' a pas d' aide à attendre de ceux qu' il a sauvés" (41). Comentou J. Romilly.

Recentemente, tem sido colocado o problema da conciliação da figura de Zeus com o pensamento religioso de Ésquilo. Convém não esquecer a existência de uma trilogia, da qual possuímos apenas uma parte, tendo ela, por outro lado, referências a épocas remotas que por certo foram ponto de partida para uma evolução não só da tragédia como também do próprio Zeus.

Os gregos acreditaram numa evolução e modificação do carácter divino. Compreenderemos melhor a forma severa como a figura de Zeus é focada. Escondida na obscuridade da peça, qual bastidor ignoto, vai acentuar o quadro trágico e motivar um sentimento de piedade para com *Prometeu*. Sentimento reforçado com a apresentação de *Io*, da sua ingenuidade e inocência, contrapostas ao poder e à vontade de Zeus manifestada através de formas diversas ao longo da obra.

## A MENSAGEM

Prometeu Agrilhado levanta, como já referimos, (42)

---

(38) Cit. in Hélade.

(39) ob. ref.

(40) ob. ref.

(41) J. Romilly - A Tragédia Grega, p. 183.

(42) p. 3.

problemas de ordem cénica.

Entre eles, por exemplo, o desempenho dos papéis apenas por dois actores, logo no início da peça. Um outro aparece com a entrada de Oceano e a consequente desaparecimento das Oceânides. Sobre estes aspectos, Murray e Pickard-Cambridge afluaram importantes explicações. O cataclismo final coloca mais uma interrogação para os estudiosos do problema.

A *"tragédia grega é construída sobre o princípio de que nos problemas humanos é a lei que prevalece, não o acaso"* (43).

Isso é confirmado, em parte, pela obra que acompanhamos neste breve estudo. Lei que, em Êsquilo, é menos complexa: assume carácter moral. O castigo segue a *hybris*, *"como a noite segue o dia"*.

Torna-se, cremos, desnecessário discorrer sobre a influência de Prometeu e do seu mito, na poesia, na literatura, em poetas e escritores. O símbolo, observado desta ou daquela maneira, permanece.

A mensagem desse original povo, o seu pensar, chegou até nós com uma tonalidade própria e determinada no seu pensamento. O homem é um contínuo ponto de reflexão. *"Cette reflexion sur l' homme brille avec sa force première"* (44).

#### **BIBLIOGRAFIA:**

- CROICET, Maurice - *Eschyle, Études sur l' invention dramatique dans son theatre*, Paris, 1928.
- DUMORTIER, J. - *Les images dans la poésie d' Eschyle* - Paris, Les Belles-Lettres, 1953.
- EARP, F.R. - *The Style of Aeschylus* - Cambridge, Univ. - Press 1948.
- KITTO, H. D. F. - *A Tragédia Grega, Estudo Literário* - A. Amado Ed. Coimbra, 1972, I Volume.
- LAUEDAN, Pierre - *Dictionaire Illustré de la Mythologie et des Antiquités Grecques* - Paris, 1931.
- MAZON, Paul - *Eschyle* - Paris, 1955.
- MÉAUTIS, G. - *Eschyle et la trilogie* - Paris, Grasset, 1936.
- ROCHA PEREIRA, Maria Helena da - *Estudos de História da Cultura Clássica* - Fund. Calouste Gulbenkian, 4ª ed.
- ROMILLY, Jacqueline de - *La Tragédie Grecque* - Paris, 1970.
- La Crainte et l' Angoisse dans le théâtre d' Êsquile* - Paris, Les Belles-Lettres, 1958.
- SÊCHAN, Louis - *Le Mythe de Prométhée*, Paris, P.U.F., 1951.

---

(43) H. D. Kitto.

(44) J. Romilly - *La Tragédie Grecque* - Collection Sup. - PUF, 1973 - p. 5.